



ANÁLISE DA PRODUÇÃO DE TEXTO ESCRITO: PROPOSTA DE ATIVIDADES DIAGNÓSTICAS NA PREFEITURA DO PAULISTA

niedjavidal12@gmail.com
Niedja Vidal ¹

Palavras-chave: Educação, Língua Portuguesa, Avaliação diagnóstica, Produção textual.

INTRODUÇÃO

Escrever é uma atividade complexa por envolver inúmeras operações mentais, mas que é passível de ser ensinado, quando o exercício da escrita é desenvolvido de maneira progressiva a partir de um planejamento, que vai sendo construído através de sucessivas tentativas de práticas escritas. Na escola, o exercício de produção escrita se torna ainda mais complexo, porque muitas vezes essa prática de linguagem, vem apresentada no planejamento docente de uma forma pontual, resumida, sem que haja um espaço suficiente para reflexão e incentivo à escrita. A relação entre leitor/escritor precisa ser construída através do diálogo. Ao elaborar o texto é preciso lançar mão de diversas tomadas de decisões para a construção de sentido, ou seja, como organizá-lo.

É importante refletir sobre o exercício da escrita, como um processo construído por etapas, que envolve uma intenção comunicativa e dialógica, por meio da interação entre sujeitos de conhecimentos. Assim, a Rede Municipal de Ensino da cidade do Paulista, localizada na região metropolitana norte do Recife/ PE (RMR) com o propósito de mapear a aprendizagem de escrita de estudantes. Defende a concepção de avaliação diagnóstica como sendo parte integrante do planejamento escolar. Além de ser um instrumento, que mostra as necessidades reais dos estudantes, é também um caminho para a constante reflexão da prática docente.

Visando a implementação de um instrumento de acompanhamento da aprendizagem, foi implementado uma atividade de avaliação diagnóstica com os estudantes dos anos finais, no início do ano letivo de 2023, buscando identificar os conhecimentos linguísticos já dominados ou não, na produção de um texto escrito e servir como base para reflexão junto aos professores do 6º ao 9ºano, utilizando como base de dados, as análises dos textos dos estudantes; bem como as inquietações surgidas, o que ficou evidenciado sobre as aprendizagens dos discentes, a partir da avaliação diagnóstica.

Segundo Irandé Antunes (2023), a prática avaliativa pode contribuir para o aprimoramento da escrita quando afirma que “a avaliação é uma busca por indícios, dos sinais da trajetória que o estudante percorreu, que, por outro lado, serve também como sinal para o professor de como ele tem que fazer e por onde continuar” (ANTUNES, 2003, p.157).

A presente pesquisa tem como objetivo oportunizar nas formações continuadas na área de linguagem, momentos de estudos e reflexões para os docentes da Rede, assim como sobre como refletir acerca da prática de produção escrita nas escolas e como é abordada no planejamento das aulas de Língua Portuguesa, como atividades, propostas, estratégias e ações para o ensino de produção textual, tomando como base, os resultados evidenciados na avaliação diagnóstica. A intenção da atividade de diagnóstico de escrita foi de identificar as habilidades e objetos de conhecimento sobre um determinado gênero textual adquirido pelos estudantes, conhecer as habilidades potencializadas e as fragilidades. Também, fomentar junto aos docentes, reflexões sobre a prática da produção escrita em situações reais de comunicação; a importância de um planejamento sistemático de ações baseadas na Proposta Pedagógica da Rede em consonância com o contexto de aprendizagem da turma, promovendo atividades que estimulem a escrita, revisão e reescrita de textos mais coesos e coerentes, de forma a acompanhar os avanços dos estudantes no desenvolvimento de suas escritas e construção de seus processos de aprendizagem.

METODOLOGIA

O trabalho realizado buscou compreender os conhecimentos revelados pelos estudantes na produção escrita. Para atender aos objetivos, organizamos os nossos procedimentos metodológicos em duas etapas: na primeira etapa, a aplicação da avaliação diagnóstica de produção escrita nas turmas do 6º ao 9º; na segunda, a mediação do docente como peça principal na avaliação e produção de textos, promovendo reflexões, a partir da análise dos resultados, nas formações continuadas de Rede, para nortear atividades estratégicas de recomposição das aprendizagens de produção escrita. Propomos uma avaliação diagnóstica para toda Rede Municipal de Ensino de Paulista, junto aos professores, para todos os estudantes dos anos Finais do Ensino Fundamental. A proposta de avaliar é com o propósito de promover intervenções. Pensar no ato de avaliar também é um ato amoroso.

“Podemos entender a avaliação da aprendizagem escolar como um ato amoroso, na medida em que a avaliação tem por objetivo diagnosticar e incluir o educando pelos mais variados meios, no curso da aprendizagem satisfatória, que integre todas as suas experiências de vida”(LUCKESI, 1999, p. 173).

Nesse sentido, para a atividade diagnóstica foi apresentada uma proposta de produção escrita, como objeto claro de estudo do gênero textual, “toda introdução de um gênero na escola é resultado de uma decisão didática que visa a objetivos precisos da aprendizagem” (SCHNEUWLY & DOLZ, 2004, p. 80). Para otimização do trabalho foi dividido em duas etapas distintas, as quais descrevemos abaixo:

1ª etapa: aplicação da atividade diagnóstica de produção textual

Nesta etapa, houve a aplicação de uma avaliação diagnóstica de produção escrita para os estudantes do 6º ao 9º ano da Rede municipal do Paulista. Para tal, foram escolhidas as narrativas para as turmas de 6º e 7º anos, por fazerem parte do universo cultural dos estudantes, o professor poderia escolher o gênero (conto, fábula, mito, entre outros); e contar a história para os estudantes e solicitar o reconto, para as turmas do 8º e 9º anos, o gênero selecionado foi um texto de opinião, tomando como base, uma notícia sobre a tragédia dos Yanomamis, trazendo um fato real, de discussão e repercussão nacional. A decisão por optar por esses gêneros textuais, se deu por acreditar que eles promoveriam uma interação entre os estudantes e apresentariam resultados mais significativos sobre o processo de desenvolvimento das aprendizagens sobre a produção escrita.

2ª etapa: a mediação do docente como peça principal na avaliação e produção de textos

A formação continuada de Rede para os professores de linguagem trouxe como objetivo principal, a mediação do docente como peça principal na avaliação e produção de textos. A partir da aplicação das avaliações diagnósticas, os professores foram orientados a se debruçar na avaliação textual da sua turma e realizar a análise para verificar as habilidades textuais e linguísticas que os estudantes revelavam apresentar dificuldades e que serviriam de ponto de partida para análises e discussões na formação continuada de Rede. O objetivo principal da formação era promover reflexões entre os docentes sobre o que precisava ser ensinado sobre produção textual e como planejar propostas atrativas e significativas para os estudantes aprenderem. No primeiro momento, os professores foram convidados a socializar resultados das produções de seus estudantes, já no segundo, foi oportunizado oficinas coletivas de análises de produções de textos dos estudantes de várias escolas. O encontro formativo busca fomentar sobre a importância de se refletir a respeito do exercício da escrita na sala de aula, que precisa ser vista como um processo construído por etapas, que envolve uma intenção comunicativa, dialógica que se dá através da interação entre sujeitos de conhecimentos.

REFERENCIAL TEÓRICO

A produção escrita deve considerar as práticas sociais e necessidades enfrentadas no dia a dia. Ou seja: levar os estudantes a participar de forma eficiente de atividades da vida social que

envolvam a leitura e a escrita. Esses aspectos são condição mínima para decidir, enfim, o que escrever e de que forma fazer isso. Torna-se evidente que não são apenas as questões gramaticais ou notacionais (a ortografia, por exemplo) que ocupam o centro das atenções na construção da escrita, mas também, a maneira de se elaborar o discurso. De acordo com Antunes (2006), “uma atividade que supõe informação, conhecimento do objeto sobre o qual se vai discorrer, além, é claro, de outros conhecimentos de ordem textual discursiva e linguística”. (ANTUNES, 2006, p. 168)

Assim, para desenvolver a produção escrita é imprescindível que os estudantes conheçam vários gêneros textuais que circulam na esfera social. Para tal, o professor não deve se deter apenas, a estrutura textual, mas oportunizar o contato com a diversidade de gêneros e assim, construir, na sala de aula, situações práticas que favoreçam ao estudante desenvolver um comportamento em que assuma o papel de leitor e escritor de um texto.

As propostas de produção de textos na sala de aula precisam ser apresentadas aos estudantes com clareza nas informações para que eles saibam por onde começar um texto e que possam também avaliar se ele condiz com o que foi pedido, ou seja, compreender o contexto de produção. Os textos produzidos pelos estudantes precisam de um destinatário, e é fundamental o professor realizar as seguintes perguntas: Para quê? Que tipo de escrita será essa? Quem vai lê-la? Por isso, o trabalho com os gêneros textuais é essencial.

Dolz, Gagnon e Decândio (2010) destacam que o objetivo principal da produção de texto na escola é a participação ativa e crítica do estudante na sociedade, daí a importância da escola propor situações de produção que se reportasse a práticas sociais e a gêneros textuais que existem de fato e que circulam socialmente, toda a construção de produção escrita precisa ter um sentido/significado e estar conectada com a realidade social de vida dos estudantes. Proporcionar o trabalho com um gênero em sala de aula é o resultado de uma decisão didática que visa oportunizar ao estudante conhecê-lo melhor, apreciá-lo ou compreendê-lo para que ele se torne capaz de produzi-lo na escola ou fora dela (SCHNEUWLY, 2004).

A produção de texto é um processo que envolve várias etapas: planejar, escrever, revisar, editar e reescrever. É imprescindível dar ênfase no desenvolvimento do comportamento de leitores/escritores, pois esses comportamentos são conteúdos essenciais para a produção escrita.

Sobre os processos que envolvem a produção textual, as tomadas de decisões e sobre as operações mentais que envolvem o ato de escrever um texto. Para o autor, ao escrever um texto, o sujeito formula representações sobre a situação de interação, objetivo textual, interlocutores, circulação do texto, dentre outros. Com base nessas representações, é que o sujeito desenvolve atividades de planejamento, textualização, revisão e reescrita textual. Existem cinco condições essenciais para se produzir um texto: ter um conteúdo para ser explorado, o que dizer; ter uma finalidade para a escrita, uma motivo para dizer; um interlocutor, para quem dizer; impor-se diante do que está dito, se constituir enquanto sujeito que diz, o que diz, para quem diz; adequar a fala/escrita, estratégias para efetivar a realização dessa escrita (GERALDI, 1997).

É importante refletir sobre o exercício da escrita, como um processo construído por etapas, que envolve uma intenção comunicativa, dialógica que se dá através da interação entre sujeitos de conhecimentos.

Sobre a dimensão interacional da linguagem, Antunes defende a concepção de que o discente é o sujeito da aprendizagem que acontece, ele é o autor que realiza, na interação com o objeto de aprendizagem, a atividade estruturadora que resulta em conhecimento. Para essa autora, a atividade interativa só se realizada quando:

“Conjuntamente, por duas pessoas cujas ações se interdependem na busca dos mesmos fins. Assim, numa inter-ação (“ação entre”), o que cada um faz depende daquilo que o outro faz também: a iniciativa de um é regulada pelas condições do outro, e toda a decisão leva em conta essas decisões. Nesse sentido, a escrita é tão interativa, tão dialógica, dinâmica e negociável quanto a fala. (ANTUNES, 2003, p. 45).

Torna-se imprescindível que o estudante possa refletir acerca de sua produção escrita e participar do seu processo avaliativo. Ao realizar uma autoavaliação em que, segundo Antunes

(2006), o aprendiz volta-se para sua própria atividade, verifica e avalia as condições de qualidade e consistência de sua escrita. E essa forma de avaliação interativa contribui para algo que é fundamental para o aprendizado: o professor precisa considerar o que o estudante diz e ambos precisam atuar como sujeitos do dizer.

“O trabalho de escrita é também um trabalho de reescrita. O processo de produção deve ser de algum modo distinguido da produção final do texto. “Pois o produto final é o resultado de um processo de muitas revisões”(MARCUSCHI, 2008,p. 218)

A revisão cuida para que o texto cumpra sua finalidade comunicativa. Explica Liberali (2004) deve-se olhar para a produção dos estudantes e identificar o que provoca estranhamento no leitor dentro dos usos sociais que ela terá. Por isso, a revisão não pode se restringir só ao olhar do professor, mas sim permitir que o estudante seja o primeiro revisor de seu próprio texto, assim permitindo que o estudante seja sujeito ativo, protagonista de sua aprendizagem, ao analisar e debruçar-se sobre sua produção escrita, refletindo sobre a mesma e assim, tendo avanços mais significativos.

Schneuwly (1998) defende que a linguagem medeia a relação entre os sujeitos com o meio. Sendo assim, o autor propõe que a atividade de produção de textos é uma sistema modular em que a partir da construção da representação da situação de produção que se (baseia nos parâmetros da interação social- o lugar social; o momento da produção; o objetivo da atividade; a relação enunciador/destinatários) que criamos base de orientação da atividade de produzir de textos (conjunto de representações -situação interna, criada a partir do contexto de interação).

As boas condições para o trabalho de produções textuais na escola só podem ser garantidas se os professores recorrem a estratégias assertivas para auxiliar os estudantes a desenvolver as habilidades necessárias para a participação em atividades sociais de maneira autônoma. Assim, não basta apenas que os estudantes sejam solicitados a escrever, eles precisam ser auxiliados no desenvolvimento do processo da escrita.

A prática da produção escrita precisa ser diária no cotidiano escolar, sendo utilizada como atividade essencial ao desenvolvimento crítico/interativo do estudante, levando-o, assim, a refletir sobre o uso que faz da linguagem no meio social.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O resultado da avaliação diagnóstica de produções escritas, um mapeamento das aprendizagens dos estudantes, e permitiu perceber como se dava o desenvolvimento de atividades relacionadas à prática da produção textual na escola, e se atendiam às necessidades reais dos discentes para favorecer a formação de sujeitos críticos, capazes de refletir sobre o uso que fazem da linguagem em contextos discursivos. No entanto, pode-se observar a partir dos resultados, uma prática de produção textual, ainda descontextualizada, distante do proposto pela BNCC, que assume a centralidade do texto como unidade de trabalho e as perspectivas enunciativo-discursivas na abordagem, de forma a sempre relacionar os textos a seus contextos de produção e o desenvolvimento de habilidades ao uso significativo da linguagem em atividades de leitura, escuta e produção de textos em várias mídias e semioses.

O referido documento sugere o trabalho com textos ao mencionar que

“Tal proposta assume a centralidade do texto como unidade de trabalho e as perspectivas enunciativo-discursivas na abordagem, de forma a sempre relacionar os textos a seus contextos de produção e o desenvolvimento de habilidades ao uso significativo da linguagem em atividades de leitura, escuta e produção de textos em várias mídias e semioses.” (BRASIL, 2018, p. 67).

Evidenciou-se que não estavam sendo contempladas nas práticas docentes, ao analisar os

resultados no desenvolvimento de atividades escritas, uma vez que, na maioria das vezes, as propostas eram descontextualizadas, desvinculadas da prática de leitura e desassociadas do processo discursivo/interativo, sendo trabalhadas de forma mecânica, apenas como um fator de comunicação professor/aluno e uma transcrição da linguagem oral para a escrita, utilizadas numa perspectiva pontual, ou uma proposta de escrita atrelada a uma data comemorativa da escola ou simplesmente uma atividade para nota, em que se identificavam apenas os erros em que se devolvia ao estudante, sem que houvesse nenhuma discussão, e nem a prática da revisão/ reescrita textual, não havia preocupação em avaliar os processos complexos da aprendizagem dos estudantes.

Geraldi (1997),propõe acerca da atividade de produção textual escrita:

“Considero a produção de textos (orais e escritos) como ponto de partida (e ponto de chegada) de todo processo de ensino/aprendizagem da língua. E isto não apenas por inspiração ideológica de devolução do direito à palavra às classes desprivilegiadas, para delas ouvirmos a história, contida e não contada, da grande maioria que hoje ocupa os bancos escolares. Sobretudo é porque no texto que a língua – objeto de estudos – se revela em sua totalidade quer enquanto conjunto de formas e de seu reaparecimento, quer enquanto discurso que remete a uma relação intersubjetiva constituída no próprio processo de enunciação marcada pela temporalidade e suas dimensões” (GERALDI, 1997, p. 135)

No entanto, observa -se que há um distanciamento entre a teoria e a prática vivenciada na escola, assim, os docentes apresentam conhecimentos teóricos, mas não os executam na vivência diária no chão da sala de aula. É devido a esse contexto, que os estudantes têm demonstrado pouco interesse quando a atividade proposta é produzir textos.

Ainda uma grande necessidade de modificações nas práticas pedagógicas desenvolvidas no contexto escolar pelos docentes ao se trabalhar a produção textual, para que se atendam as necessidades reais de aprendizagem dos discentes e às propostas dos documentos oficiais que regem o processo educativo, para tanto, se faz necessário repensar o trabalho com as práticas de leitura e produção textual na escola.

Enfim, escrever não é um dom e não acontece numa inspiração. Precisa ser ensinado, leva tempo para se adquirir a competência da escrita. As práticas docentes necessitam de mudanças, o uso da linguagem é um processo dinâmico, que se dá a partir da interação e do discurso entre sujeitos quando contextualizam e compartilham conhecimentos. A Produção de escrita não pode ser desarticulada das práticas de vivência dos estudantes, as propostas de produção de texto precisam ser atrativas, é extremamente importante valorizar os conhecimentos prévios do sujeito/produtor para estimular uma escrita significativa,saber sobre o que se vai fazer é essencial, permitir discussões sobre o tema a ser trabalhado, oportunizar a leitura de textos diversos, para que depois haja a produção escrita, o que é primordial à prática dessa atividade. Conforme afirma Koch (1998)

“A produção textual é uma atividade verbal, a serviço de fins sociais e, portanto, inserida em contextos mais complexos de atividades; trata-se de uma atividade consciente, criativa, que compreende o desenvolvimento de estratégias concretas de ação e a escolha de meios adequados à realização dos objetivos; isto é, trata-se de uma atividade intencional que o falante, de conformidade com as condições sob as quais o texto é produzido, empreende, tentando dar a entender seus propósitos ao destinatário através da manifestação verbal; é uma atividade interacional, visto que os interactantes, de maneiras diversas, se acham envolvidos na atividade de produção textual. Le dá mais do que pensamos.” (KOCH, 1998, p. 85).

Assim, a produção escrita deve ser um processo dialógico, interativo, que seja evidenciado no uso da linguagem. Embora que ficou evidenciado parcialmente que as atividades de produção escrita não têm sido desenvolvidas nas práticas de sala de aula de forma constante e sim, apenas como uma mera atividade pontual, para avaliar, sendo usadas como pretexto para o ensino de língua, servindo para uma prática gramatical desvinculada totalmente do processo de uso/reflexão da língua, sem privilegiar a dimensão interacional e discursiva da língua, essencial à participação ativa do sujeito na sociedade. Ressalta -se que a importância de que as práticas docentes atendam às premissas do trabalho com a linguagem: a funcionalidade da língua e a reflexão do sujeito sobre sua atuação enquanto ativo nas práticas de usos sociais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por defender a concepção de que avaliação diagnóstica deve estar inserida como parte do planejamento escolar, e que o processo de avaliar não se restringe apenas no momento em que ela se materializa, mas sim, o que fazer a partir dos resultados. A aplicação do diagnóstico realizado na Rede Municipal de Ensino do Paulista, objetivou-se além do mapear as aprendizagens das produções escritas dos estudantes do 6^a ao 9^o ano, também em reafirmar que a avaliação diagnóstica serve para a ir para além de se apontar os erros dos estudantes ou de mostrar apenas a forma correta que seja ortográfica e sintática, mas sim de fato conhecer as reais aprendizagens dos estudantes e suas dificuldades. A avaliação diagnóstica de produção textual possibilitou aos docentes ver os sinais por apontar os caminhos sobre o que ele tem que fazer e por onde continuar, além de ser e é uma excelente oportunidade para um bom começo de rever e planejar o que realmente é essencial levar para a sala de aula, como objeto de reflexão, estudo e de problematização para recompor as aprendizagens dos estudantes. A mediação do docente é essencial durante o desenvolvimento de situações escolares de produções de textos e a mobilização de estratégias discursivas que permitam atuar nas dificuldades reais dos estudantes para garantir a aprendizagem de todos.

Torna-se a primordial, que a partir dos resultados, os docentes planejam as ações pedagógicas que promovam aprendizagens significativas. Assim, desenvolvendo nos estudantes as competências e habilidades necessárias para tornar-se um escritor e ser capaz de produzir textos dos mais variados gêneros, fazendo uso social da sua função.

É fundamental que a prática de produção de texto na escola esteja sintonizada com momentos de aprendizagem da escrita de forma contextualizada. Destarte, a escrita ganhará um significado e oportunizará aprendizagens, garantindo assim, a construção de sujeitos capazes de se integrar à vida em sociedade por meio dos textos que leem e produzem. Para que, possam construir seus dizeres, os estudantes devem compreender que escrever é um exercício capaz de traduzir um pensamento, de desenvolver a sensibilidade e dar ao autor posse e responsabilidade sobre o que escreve.

O ensino da produção de textos escritos ainda se configura um grande desafio a ser enfrentado pelos docentes e discentes. Mas, por acreditar que a partir do conhecimento real das aprendizagens dos estudantes, mostradas no resultado das avaliações diagnósticas, os docentes terão todo o arcabouço necessário para se replanejar, com estratégias pedagógicas, articuladas que foquem num trabalho sistemático de produção escrita. Destarte, contribuir para minimizar as

dificuldades, alcançar mais estudantes em suas fragilidades e promover aprendizagens significativas. E assim, contribuir para a formação de leitores e escritores competentes para atuar na sociedade.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, M. I. Aula de Português- encontro e interação, 6. ed. São Paulo: Parábola Editora, 2003. p. 39-79.
- ANTUNES, M. I. Avaliação da produção textual no ensino médio. In: BUNZEN, C. e MENDONÇA, M. Português no ensino médio e formação do professor. São Paulo: Parábola, 2006.
- BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018
- DOLZ, J., GAGNON, R. & DECÂNDIO, F. Produção escrita e dificuldades de aprendizagem. Adaptação de Joaquim Dolz, Fabrício Decândio e Anna Rachel Machado. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2010, p. 16.
- GERALDI, J.W. Portos de passagem. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- GERALDI, J.W. O texto na sala de aula. São Paulo: Ática, 1997
- LIBERALI, F. C. As Linguagens das Reflexões. In: Maria Cecília C. Magalhães. (Org.). A Formação do Professor como um Profissional Crítico. 1 ed. Campinas: Mercado de Letras, 2004, v. 8, p. 87
- KOCH, Ingedore Villaça. O texto e a construção do sentido. 9ª ed. São Paulo: Contexto, 2009
- LUCKESI, Cipriano Carlos. Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições. São Paulo: Cortez, 1999 p. 173.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. Produção textual. Análise de gêneros e compreensão. São Paulo: Parábola Editorial. 2008, p. 218.
- SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. Gêneros orais e escritos na escola. 3. ed. Campinas (SP): Mercado de Letras, 2004.
- SCHNEUWLY, B. Le Language Ecrit chez l'Enfant: La production des textes informatifs et argumentatifs. Neuchâtel: Delachax & Niestlé, 1998.